

O CORPO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

CAMILA DA CUNHA NUNES
Universidade Regional de Blumenau – FURB, Blumenau, Santa Catarina, Brasil.
camiladacunhanunes@gmail.com

FABIO ZOBOLI
Universidade Federal de Sergipe – UFS, São Cristóvão, Sergipe, Brasil.
zobolito@gmail.com

Corpo e Educação

As diversas maneiras que o ser humano tem de se relacionar com o próprio corpo, de relacioná-lo com a sociedade, com o mundo e a natureza, ocorrem das mais variadas formas de acordo com a cultura em que este está inserido. Essas maneiras de interação não são permanentes, pois se subordinam a mudanças, frutos do processo histórico da construção humana. Sendo assim, o corpo de cada indivíduo, além de revelar sua singularidade pessoal, também possui características que o define como membro de um grupo social em um determinado tempo.

O corpo atravessado pelas ideologias e necessidades socioculturais se torna multiforme e adquire vários sentidos. Dentro do seu processo histórico de construção, o corpo é constantemente (re) criado. Criou-se o corpo para a produção do capital (corpo produtivo/ corpo mão-de-obra), o corpo das necessidades sanitárias (corpo saudável e higiênico), o corpo judaico-cristão (corpo culpa/ corpo pecado), o corpo que compra (corpo consumidor), o corpo controlado política e socialmente (corpo dócil), o corpo dos *chips* e próteses (corpo cibernético), o corpo sem pele e sem contato (corpo da web) e tantos outros que poderiam aqui ser citados, além dos que neste momento nascem e se desenvolvem.

Nesse processo complexo de aculturação de um comportamento/hábito corporal, a escola atua como meio que ajuda a disciplinar o corpo submetendo-o ao adestramento através das mais diversas e sutis maneiras que acentuam sua docilidade-utilidade. É importante na educação escolar discutir e aprofundar estas questões com o intuito de criar condições de reflexão, interpretação e decodificação dos signos criados na sociedade com relação ao corpo. É preciso realizar um trabalho que dê base teórica e prática, com o objetivo de gerar valores que radicalizem em favor da vida, e engajamento responsável e crítico na luta por um corpo ameaçado pela barbárie.

O corpo, como um dos alvos da educação escolar é produto de concepções materiais e subjetivas que o mediam, ou seja, a práxis pedagógica fica a mercê da concepção de corpo que os sujeitos/educadores têm do mesmo. Por isso que Assmann (1994) é incisivo em mencionar que por uma série de razões ligadas à crise conceitual e paradigmática da educação, deveríamos chegar ao acordo de que a corporalidade é a referência básica para poder falar seriamente de qualquer assunto na ética, na política, na economia e evidentemente na educação. O autor menciona ainda que a corporeidade constitui a instância básica para qualquer discurso pertinente sobre sujeito e a consciência histórica.

Para uma criança, já nos seus primeiros meses de vida, a escola passa a ser um ambiente onde se passa uma parte considerável do dia. Porém, muitas vezes, no contexto da Educação Infantil, a criança tem uma experiência corporal reduzida, limitada a cuidados como comer, dormir e higienizar. A estimulação psicomotora passa por vezes muito distante deste ambiente, pois os

docentes de Educação Física e pedagogos não têm uma formação adequada para lidar com essas práxis de estimulação corporal.

Nos anos subseqüentes o corpo tenta sucumbir a uma rotina que o imobiliza, pois historicamente – amparados na cisão corpo/mente e na valorização do intelecto em detrimento do sensível – o corpo acaba sendo silenciado em grande parte das práxis escolares. Sob este viés, Preve e Corrêa (2000) mencionam que a rotina pedagógica desenvolve-se a partir do silêncio e do corpo estático. Sentado atrás de uma carteira escolar, por quatro horas diárias, olhando para a nuca do colega, o corpo está “parafusado” – imobilizado. Só se utilizam algumas partes do corpo: o ouvido para escutar o professor, a mão para escrever no caderno e folhar o livro, os olhos para olhar o quadro e o professor, o braço para levantado pedir licença, e a boca para alguma tentativa de conversa e pedido para ir ao banheiro. Assim, na escola o corpo se domestica atravessado por um conjunto de forças ele se submete aos modos de ser. A partir disso, os autores citados lançam o seguinte questionamento: “Haverá máquina mais presente, intensa e insistente, capaz de fazer o corpo chegar por meio de exercícios constantes, a um ponto zero de criação que a escola?”.

O relato abaixo, que é parte de um texto de Garcia *in* Garcia (2002, p. 7) vem novamente ilustrar um episódio muito comum que deveras ocorre no ambiente escolar:

na sala de aula, todas as crianças se mantinham sentadas, umas atrás das outras, em silêncio, com olhares de tédio, não pareciam especialmente interessadas no que a professora explicava no quadro. Os corpos parados, olhos sem brilho, algumas como se estivessem devaneando, outras olhando para o quadro onde a professora escrevia, como se não vissem o que olhavam. Quando batia o sino anunciando a saída as mesmas crianças pareciam outras crianças, os corpos ágeis gingavam, corriam, se tocavam, os olhos brilhavam cheios de vida, conversavam, riam, já começavam a brincar, a se tocar, a pular e a correr. Era como se a vida tivesse dois momentos – um de espera, outro de acontecer.

Para Gonçalves (1997) a aprendizagem de conteúdos na escola é assim uma aprendizagem sem corpo, e não somente pela exigência de o aluno ficar sem movimentar-se, mas, sobretudo, pelas características dos conteúdos e dos métodos de ensino, que o colocam num mundo diferente daquele no qual ele pensa, sente e age através de seu corpo/mente. Parece que ainda não se percebeu que não há como deixar a mente na aula de matemática, enquanto o corpo joga futebol na aula de Educação Física.

Parece loucura, diz Freire *in* Moreira (1993), mas essa é a lógica do sistema escolar: crianças não podem raciocinar se movendo, não podem refletir jogando, não podem pensar fantasiando. Então para que se tornem inteligentes e produtivas precisam ser “confinadas e engordadas”. Mas, engordar o quê e para quê? Pergunta o autor, e ele mesmo responde: engordar o comportamento esperado, engordar a incompreensão, a servilidade, a indecisão; engordar a alienação, a desesperança, a inabilidade. É preciso tornar as crianças mais econômicas. Em pouco tempo elas apresentam imensa economia para o poder, à medida que o servem com maior eficiência. E assim as crianças tornam-se cidadãos gordos de conhecimento escolar.

Para obter disciplina, a escola também apela para o corpo do sujeito. Até a pouco tempo a escola fazia o aluno se ajoelhar no milho, quem desobedecesse apanhava na mão com uma régua de madeira do professor ou então ficava de pé atrás da porta – “cheirando parede”. Copiar alguma coisa por inúmeras vezes também era e é um castigo muito utilizado para corrigir quem atrapalha o bom andamento da aula. Hoje, as maneiras de controlar o aluno que de alguma forma viola as regras ditadas pelo professor ou pela escola se resumem, dentre outras, em cortar o recreio e a aula de Educação Física do mesmo. Importante observar que todas estas sanções atuam diretamente na corporeidade do aluno.

Na escola, nos mais variados âmbitos da educação, muitas vezes, o corpo é colocado num sistema de interdição e privação. Isso se dá quando o mesmo é desconsiderado das suas condições de “Ser”, dentro de sua complexidade. Quando ele é privado de cuidado, dignidade e respeito no seu modo de “Ser” humano – enquanto verbo. Acreditamos que isso se deve principalmente a toda uma cultura ocidental que desconsidera o corpo e prioriza a práxis de ensino-aprendizagem pautadas principalmente nas habilidades do intelecto – mente. Como se fossem coisas separadas, como se o corpo com seu sentir e agir estivesse destituído do pensar. A lógica sob a qual se criou a base das práxis educativas escolares esta centrada na valorização do pensar, do raciocinar como se tudo isso pudesse ser feito sem o corpo.

A escola valoriza o trabalho intelectual em detrimento do trabalho manual e atividades físicas, fragmentando o corpo como um objeto. É fundamentado nisto, que a Educação Física na escola acabou sendo relegada ao *status* de disciplina menor, servindo apenas para que o corpo dos alunos suspirarem da imobilização física, causadas pelas outras disciplinas.

Diante do exposto, a partir de agora iremos realizar uma breve contextualização histórico-filosófica do corpo no ocidente buscando assim compreender a epistemologia que esta por detrás das práxis pedagógicas que ignoram o corpo enquanto expressão máxima da condição humana durante o processo de ensino aprendizagem.

Algumas perspectivas do corpo na educação infantil na atualidade

A partir dessas novas concepções de ser humano, o corpo começa a ser visto e tratado com muito mais pertinência se considerada a sua complexidade e totalidade. Desta forma, os teóricos e estudiosos da educação – e por consequência da Educação Infantil – começam a pautar suas práxis a partir de autores que vem dar bases para se criar novas “pedagogias” onde o desenvolvimento humano é tratado a partir de bases epistemológicas que os vislumbram sob abordagens de caráter biofisiológico, afetivo, cognitivo e social – não linear/complexa. Enfoques estes onde o corpo transcende a sua dimensão de cadáver.

Hoffmann (2009) salienta que acompanhar a criança em seu desenvolvimento exige um olhar teórico-reflexivo sobre seu contexto sociocultural e manifestações decorrentes do caráter evolutivo do seu pensamento, respeitando-a em sua individualidade e em suas sucessivas e gradativas conquistas de conhecimento.

A partir desse contexto vamos citar – a guisa de exemplificação – como a psicologia com suas teorias de desenvolvimento humano se apropriaram da ruptura cartesiana e como autores como Wilhelm Reich (1897-1957), Arnold Gessel (1880-1961), Henri Wallon (1879-1962), Jean Piaget (1896-1980), Jean Le Boulch (1924-2001) e Lev Semenovich Vygotsky (1896-1934) contribuíram significativamente para transcender a compreensão de corpo para além da cisão. Optamos por exemplificar a partir de teóricos da linha da psicologia – mesmo que muitos transcendam a visão puramente psicológica – por considerar que a mesma é uma das maiores bases da pedagogia infantil escolar. Porém, somos sabedores que estudos com bases teóricas na fenomenologia, na visão de infância a partir da teoria crítica¹ e tantos outros, são também estudos que crescem no âmbito das práxis educacionais e contribuem na aculturação de uma nova concepção de humano para além do corpo biológico disseminado pelo cartesianismo.

Wilhelm Reich amparado pelas bases fundantes da psicanálise de Freud juntamente com sua formação sociopolítica vem chamar a atenção de como o ser humano somatiza suas tensões inconscientes. O corpo analisado sob o viés do encorajamento muscular, das posturas e dos

¹ A pedagogia desenvolvida por Paulo Freire é um exemplo de concepção metodológica pautada na teoria crítica.
FIEP BULLETIN - Volume 82 - Special Edition - ARTICLE II - 2012 (<http://www.fiepbulletin.net>)

ritmos neurovegetativos tem centralidade no seu modo de conceber a análise terapêutica. Para Reich o corpo dos manuais de anatomia esta muito longe de ser o corpo pulsional humano.

Arnold Gessel acentuou a busca e a determinação das etapas maturativas da ontogênese, descrevendo o comportamento segundo as esferas de atividade: motricidade geral, motricidade óculo-manual, linguagem e socialidade (LE CAMUS, 1986).

Henry Wallon foi um médico psicólogo que em seus estudos se ocupou do movimento humano dando-lhe uma categoria fundante como instrumento na construção do psiquismo. Isso permitiu a Wallon relacionar o movimento ao afeto, à emoção, ao meio ambiente e aos hábitos do indivíduo. O estudo da estruturação do tônus é uma das contribuições mais significativas que os estudos de Wallon deram ao contexto das disciplinas que lidam com a criança. Para Wallon as emoções estrutura o tônus, desta forma, a modelagem do corpo realizada pela atividade do tônus muscular permite, além da exteriorização dos estados emocionais, a tomada de consciência deles pelo sujeito.

Jean Piaget (1999) revela que o espírito da criança é tecido simultaneamente em dois planos diferentes, de certo modo superpostos um ao outro, plano inferior e superior. O trabalho operado no plano inferior é, nos primeiros anos, muito mais importante. É obra da própria criança, que atrai para si e cristaliza ao redor das suas necessidades tudo o que é capaz de satisfazê-la. É o plano da subjetividade, dos desejos, da brincadeira, dos caprichos. O plano superior é, pelo contrário, edificado pouco a pouco pelo meio social, cuja pressão impõe-se cada vez mais à criança. É o plano da objetividade, da linguagem, dos conceitos lógicos, em resumo, da realidade.

Jean Le Boulch inaugura a linha educativa fundada no método Psico-Cinético constituindo assim a gênese da psicomotricidade. A psicomotricidade é uma práxis fundada na tríade: inteligência, afetividade e movimento. O intelecto se constrói a partir do movimento. “O ser humano sente, pensa e age, logo existe”.

Vygotsky em seus estudos parte do pressuposto que o ser humano se constitui enquanto tal na sua relação com o outro social, e neste viés a cultura se torna parte da natureza humana num processo histórico que, ao longo do desenvolvimento da espécie e do indivíduo, molda o funcionamento psicológico do homem. Esta relação do homem com o mundo é uma relação mediada, em que as funções psicológicas superiores apresentam uma estrutura tal entre sujeito e o mundo real, elementos estes mediadores, ferramentas auxiliares da atividade humana, os instrumentos e os signos (OLIVEIRA, 1992).

Estas diversas teorias trazem contribuições para a compreensão dos sujeitos em constante processo de desenvolvimento, que independente da matriz teórica dissimulada por tais perspectivas rompem – umas mais e outras menos – com o paradigma da cisão corpo/mente. Mais interessante é compreender como, por exemplo, teorias como a psicanálise de Sigmund Freud abriu novas formas de pensar o ser humano e como sua doutrina foi utilizada como pano de fundo por mais diversos autores para embasar métodos e teorias pedagógicas tais como a psicomotricidade relacional e a psicopedagogia.

No ambiente escolar estas perspectivas se disseminam em forma de métodos de ensino/aprendizagem, elas se manifestam na maneira de agir dos educadores e nas formas de assimilação por parte dos educandos. É papel do professor relacionar e estabelecer tensões entre o conhecimento empírico já tido com os educandos e o seu contexto de vivência com o conhecimento científico disseminado em teorias clássicas educacionais. A atitude de pesquisador – por parte do professor – é para nós um fundamento primordial para se atingir êxitos no nobre ato de educar.

Referências

ASSMANN, H. **Paradigmas educacionais e corporeidade**. 2. ed. Piracicaba, SP: UNIMEP, 1994.

FREIRE, J. B. **Métodos de confinamento e engorda**: (como fazer render mais porcos, galinhas, crianças...). In: MOREIRA, W. W. (Org.) Educação Física & esporte: perspectivas para o século XXI. p.109-122 Campinas, SP: Papyrus, 1993.

GARCIA, R. L. Um livro sobre o corpo. In GARCIA, R.L. (org.) **O corpo fala dentro e fora da escola**. p. 7-16. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

GONÇALVES, M. A. S. **Sentir, pensar, agir**: corporeidade e educação. 2. ed. Campinas: Papyrus, 1997.

HOFFMANN, J. M. L. **Avaliação na pré-escola**: um olhar sensível e reflexivo sobre a criança. 15.ed. Porto Alegre: Mediação, 2009.

LE CAMUS, J. **O corpo em discussão**: da reeducação psicomotora as terapias de mediação corporal. Porto Alegre: Artes Medicas, 1986.

OLIVEIRA, M. K. Vygotsky e o Processo de Formação de Conceitos. In: TAILLE, Y.; OLIVEIRA, M. K.; DANTAS, H. **Piaget, Vygotsky, Wallon**: teorias psicogenéticas em discussão.17. ed. São Paulo : Summus, 1992.

PIAGET, J. **A linguagem e o pensamento da criança**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

PREVE, A. M. H; CORRÊA, G. C. Tudo passa pelo corpo. **Revista Motrivivência**. Florianópolis, p. 60-64, n.15, agosto, 2000.

Contato: Camila da Cunha Nunes
Endereço para correspondência:
Rua: Diringshofen, nº 49 Bairro: Anita Garibaldi
CEP: 89203-550 Joinville - Santa Catarina
Correio eletrônico: camiladacunhanunes@gmail.com
Telefone: (047) 99157004.